

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA

“OVATJIMBA” EM ANGOLA

PELO

DR. CARLOS LOPES CARDOSO

EX-CHEFE DA DIVISÃO DE ETNOLOGIA E ETNOGRAFIA
DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ANGOLA



CADERNOS DE ETNOGRAFIA
BARCELOS 1967 ♦ SEGUNDA SÉRIE

1

(=414/=45)(673)

“OVATJIMBA” EM ANGOLA

MUSEU REGIONAL DE CERÂMICA

“OVATJIMBA” EM ANGOLA

PELO

DR. CARLOS LOPES CARDOSO

EX-CHEFE DA DIVISÃO DE ETNOLOGIA E ETNOGRAFIA
DO INSTITUTO DE INVESTIGAÇÃO CIENTÍFICA DE ANGOLA

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

N.º 56935

Permanente
Barceliana

CADERNOS DE ETNOGRAFIA
BARCELOS 1967 • SEGUNDA SÉRIE

1

Legado
António A. L. de Araújo

“OVALHINHA” EM ANGLIA

Composto e impresso nas OFICINAS GRÁFICAS DA COMPANHIA EDITORA DO MINHO—BARCELOS. Arranjo gráfico de ADÉLIO MARINHO. Na composição: FERNANDO LOPES. Na paginação: MANUEL FERREIRA. Na impressão: JÚLIO ALVES DA SILVA e JOÃO LEITE DE MIRANDA.

Na brochura: GUALTER MONTEIRO.

*Aos Senhores Comandante
Ernesto de Vilhena (†) e Dr. Júlio
de Vilhena, agradecemos, penho-
rados, as facilidades concedidas
para a elaboração deste trabalho*

S U M Á R I O

INTRODUÇÃO

O ARTIGO DE MACCALMAN
E GROBBELAAR

OBSERVAÇÕES PESSOAIS
NA REGIÃO DA ONCÓCUA

«LES TWA DU SUD-OUEST
DE L'ANGOLA» DE CARLOS
ESTERMANN

REFERÊNCIAS AOS *VATWA*
NAS OBRAS DE PEREIRA
DO NASCIMENTO E EMÍLIO
VÍTOR MARTINS

CONCLUSÃO

INTRODUÇÃO

NA revista *Cimbebasia*¹, publicaram H. R. MacCalman e B. J. Grobbelaar um artigo, muito importante e bem elaborado, que intitularam *Preliminary Report of Two Stone-working OvaTjimba Groups in the Northern Kaokoveld of South West Africa*.

Pretendemos nesta nossa nota dar conhecimento de alguns factos observados em Angola, os quais, assim supomos, se relacionam estreitamente com os resultados das investigações realizadas por aqueles autores e tornados públicos no citado artigo.

O ARTIGO DE MACCALMAN E GROBBELAAR

NELE dão os autores conta dos resultados de uma expedição ao «Kaokoveld» promovida pelo *State Museum*, «Windhoek», em Setembro e Outubro de 1964, no decurso da qual foram contactados dois grupos de *Ova Tjimba*², que faziam e usavam utensílios de pedra e tinham uma economia do tipo caçadores-recolectores. Os referidos grupos foram, precisamente, encontrados em «Okombambi», nas faldas do extremo mais oriental das Montanhas «Baynes», e em «Otjinungua», localidade situada a cerca de sessenta milhas a oeste de «Okombambi», numa curva que faz o rio Cunene.

Estas gentes, que a si mesmo se apelidavam de *Ova Tjimba*, caracterizavam-se, segundo os autores, por serem baixos e

entroncados, de cor escura e terem certos daqueles traços que são designados commumente por «negróides». A sua língua pareceu ser uma forma dialectal do *Herero*. Viviam, na altura em que foram observados, com *OvaHimba* ou *OvaHerero* e trabalhavam para eles. Declararam aos investigadores que, normalmente, habitavam nos pontos elevados das Montanhas «Baynes», nelas subsistindo mediante a caça de animais selvagens e a recollecção de frutos silvestres. Teriam abandonado o seu *habitat* normal pelas seguintes razões: por causa de uma criança doente, e em consequência da escassez de frutos silvestres. Mas manifestaram a intenção de regressar às Montanhas «Baynes» logo que as circunstâncias o permitissem. Os componentes de ambos os grupos disseram que nunca tinham possuído animais domésticos ou praticado a agricultura. Verificou-se que usavam o ferro para pontas de seta e também, sempre que o conseguiam obter, para facas. Todavia aquele não seria obtido por fundição, actividade que desconheciam, mas sim mediante o aproveitamento de fragmentos de metal que iam encontrando nas aldeias abandonadas pelos *OvaHimba*. Geralmente, porém, para o uso diário, faziam e utilizavam utensílios de pedra, estando os autores convencidos ser tal facto elemento integrante da cultura material dos *OvaTjimba*.

Em face destes elementos, e de outros que observaram, MacCalman e Grobbelaar formularam a hipótese de se não poderem ligar os grupos por eles observados às populações tradicionalmente designadas por *Tjimba* (vide, in aut. cits., Vedder, Van Warmelo, etc.), os quais seriam tidos, unânimemente, por *OvaHerero* degradados. Na verdade, seria muito pouco provável que aqueles, depois de terem sofrido um empobrecimento cultural tão frisante, não fossem capazes, vivendo na proximidade dos seus supostos «parentes», de uma reaproximação cultural, em maior escala, destes. Daí que concluam haver dois grupos diferentes de *OvaTjimba* no «Kaokoveld»: um, para já, representado pelos grupos detectados pelos autores, com economia do tipo caçadores-recolectores, semelhante à dos Bochimanes do «Kalahari»; outro o dos *Herero* empobrecidos, tal como foi descrito por diversos investigadores.

Esperando que esta hipótese venha a ser confirmada por posteriores trabalhos de campo, os autores recordam, todavia, que anteriormente J. Gaerdes informara que, durante as suas expedições, no «Kaokoveld», em 1922-3 e, posteriormente, em 1931, lhe tinha sido dito, repetidamente, habitar uma tribo «selvagem» nas duas margens do rio Cunene, quer dizer nas Montanhas «Baynes» e Tchamalindi, e que, segundo informação pessoal de J. Desmond Clark, constaria viverem grupos humanos usando a pedra, no Sul de Angola, nas regiões montanhosas situadas no lado norte do Cunene. Se tal é correcto, escreveram os autores, não seria de estranhar que estes fossem uma extensão, na direcção norte, dos grupos detectados no Sudoeste Africano.

OBSERVAÇÕES PESSOAIS NA REGIÃO DA ONCÓCUA

EM Fevereiro de 1963, no decurso de uma campanha que levávamos a efeito no distrito de Moçâmedes³, resolvemos deslocar-nos, durante uma semana, à região da Oncócuia, a fim de contactarmos, pela primeira vez, com os *OvaHimba* (Chimbas, à portuguesa). Um acidente, na picada que liga a estrada Otchinjau-Chitato à da Oncócuia-Ompupa, obrigou-nos a um repouso forçado, durante três dias, no posto sanitário da penúltima localidade, a fim de um companheiro de trabalho se poder restabelecer do ferimento sofrido. Aproveitámos a oportunidade para contactar com os poucos comerciantes locais e com numerosos *OvaHimba* (sobretudo mulheres) que acorriam àquele posto, para se tratarem de diversos males. Ora, um dia, estando a trocar impressões com um dos comerciantes — Sr. Antero Quental (bom conhecedor dos costumes e língua dos Himbas) — e um grupo de indivíduos daquela etnia, tivemos um lapso ao pronunciar o etnónimo respectivo, lapso que foi imediatamente corrigido por aquele Senhor⁴.

Na verdade, referindo-nos a estas gentes, disséramos *OvaTyimba*. Chamou-nos a atenção o Sr. Quental para o

facto de o etnónimo exacto ser *OvaHimba* ou Chimbas (à portuguesa). Segundo ele, *OvaTyimba* (sing. *omuTyimba*) seria a designação dada aos *VaTwa* que vivem no meio dos *OvaHimba*, e tal ápodo, aplicado a esta etnia, era tido por ofensa grave, que se devia, a todo o custo, evitar.

Logo que o nosso companheiro se restabeleceu, iniciámos as visitas aos *ozohambo* e *ozonganda*⁵ dos Himbas, estendendo-se as nossas pesquisas até ao ponto em que o rio dos Elefantes desagua no Cunene (Vau dos Hotentotes). No primeiro *ohambo* em que estivemos, a escassos quilómetros da Oncócuá, vimos aparecer, enquanto entabulávamos negociações para aquisição de alguns objectos etnográficos, dois *ovaTyimba* que, acidentalmente, fotografámos, longe de supor o interesse que haveria em nos documentarmos, mais extensamente, sobre estes indivíduos. Como se pode ver por duas das fotografias que juntamos ao texto, os dois jovens estavam de viagem e possuíam características somáticas que os diferenciavam, mesmo a um observador semiprevenido como nós, automaticamente, dos *OvaHimba* (aliás supomos que o mais corpulento seja resultado de um cruzamento *himba-tyimba*). Ao que acrescia o facto de, em matéria de vestuário, quantidade de amuletos e enfeites, e penteados, estes se afastarem, substancialmente, dos padrões himbas e, ainda, a circunstância de eles, durante o tempo que permaneceram no *ohambo*, terem adoptado, sempre, atitudes marginais relativamente aos himbas que nele se encontravam.

**«LES TWA DU SUD-OUEST DE L'ANGOLA»
DE CARLOS ESTERMANN**

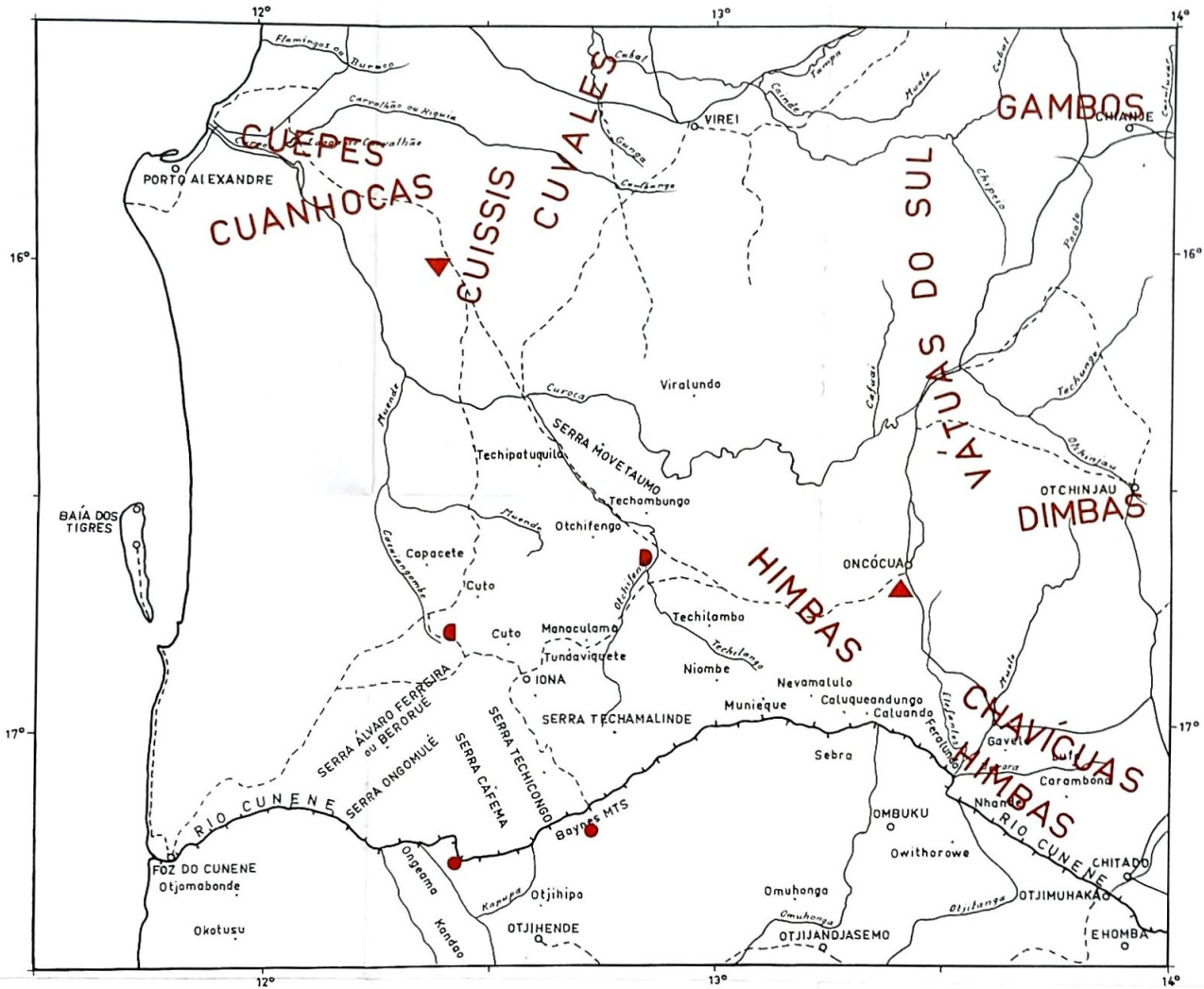
EM 1962, publicou Carlos Estermann, na *Anthropos*⁶, o supramencionado artigo, magnífica síntese de que se sabia sobre os *VaTwa* do sudoeste de Angola. Subdividiu-o nos seguintes capítulos: 1. *Alguns dados históricos e geográficos*; 2. *Os dois grupos Twa do sul de Angola, a) Os*

SUDOESTE DE ANGOLA E SUDOESTE AFRICANO

(ESBOÇO PARCIAL)

Baseado na World Aeronautical Chart

ICAO 1:1.000.000



CONVENÇÕES

- | | | | |
|-------|--------------------|---------------|------------------------|
| ○ | Povoações | ● | MacCalman e Grobbelaar |
| — | Estradas e picadas | ▼ | Pereira do Nascimento |
| --- | Rios | ■ | Vítor Martins |
| — — — | Fronteira | ● | Coelho Graça |
| | | ▲ | Lopes Cardoso |
| | | DIMBAS | Etnónimo |

Kwisi, b) *Os Twa do Alto Planalto*; 3. *Vestígios de Twa entre os grupos étnicos «bantu» da região*; 4. *Conclusão*.

Pondo de parte o problema (por ser necessário, ainda, uma mais completa indagação histórico-cartográfica⁷ da ligação entre os actuais *Twa* do sudoeste de Angola e «Kaokoveld» e o famigerado reino *BVTVA*, convém salientar alguns preciosos elementos fornecidos pelo trabalho de Estermann. Assim escreve ele:

«Examinons maintenant le vocable *Butua* au point de vue linguistique. Il se décompose en le préfixe *bu* et le radical *twa*. Le préfixe *bu* est employé dans beaucoup de langues de l'Afrique orientale et centrale pour indiquer l'abstrait. Et dans cette fonction il correspond au préfixe *u* et *ou* dans d'autres idiomes de l'aire linguistique bantoue. La même préfixation sert, dans un certain nombre de langues du sud-ouest de l'Angola, pour exprimer l'idée de «pays de...» par exemple: *Oukwanyama* «pays des Kwanyama». Si donc *Butwa* est l'équivalent de *Outwa* et si nous trouvons dans la zone linguistique du sud-ouest une région qui porte ce nom, cela ne peut signifier autre chose sinon: pays de *Vatwa*. Or précisément nous avons, au confins de l'Angola, un petit pays appelé *Outwa* par les indigènes. C'est celui qui porte aujourd'hui le nom de *Kaokoveld* et qui s'étend plus ou moins de l'embouchure du Cunène, sur la rive gauche, jusqu'à la hauteur de la grande cataracte appelée *Ruacaná (Rwakahana)*.

On sait qu'il est généralement admis que le radical *twa* dérive de la racine verbale *ta* qui signifie lancer, chasser, expulser. Le radical avec préfixe personnel *omu* et *ova* a donc le sens de «les chassés, les expulsés».

Si donc le mot *Outwa* a aujourd'hui un sens très restreint chorographiquement parlant, il n'en est pas de même du terme ethnique qui englobe toujours un grand nombre de peuplades d'Afrique occidentale et centrale. Il n'entre pas dans mon dessein de les énumérer ici. Outre cette observation sur l'étendue des régions occupées par des *Twa*, il faut en faire deux autres: 1.º Le même mot signifie également un mode de vie,

un stade de culture ou de civilisation. 2.^o Les porteurs de cette civilisation se trouvent de nos jours presque tous sous la dépendance d'autres peuples de race, ou du moins de langue bantoue, et sont en plein procès de «bantouisation» laquelle marque le premier pas de la modernisation. Dans cette transformation c'est la langue qui a succombé la première, au point qu'on ne peut plus savoir à quelle famille linguistique leur parler d'antan appartenait.»

Seguidamente diz poderem-se dividir em dois grupos os representantes desta família étnica que habitam no sul de Angola, tomando-se como critério diferenciador a circunstância de uns ainda se continuarem a chamar a si mesmo *VaTwa* e outros rejeitarem este etnónimo como injúria. Os últimos seriam os *VaKwisi*, os primeiros os *VaTwa* do Alto Planalto da Huíla. A propósito destes escreve :

«Les proches parents des Kwisi, ceux qui s'appellent encore de nos jours *Vatwa* avec la même assurance qu'un *Kwanyama* se nomme *Kwanyama* et un *Héréro*, *Héréro*, sont les *Vatwa* du Haut Plateau de Huila. Ils occupent, mêlés à des fractions de tribus bantoues, le haut pays qui s'étend du sud de *Chibia* jusqu'au thalweg du *Cunène*, dans le parcours où ce fleuve forme la frontière avec le sud-ouest africain. Rappelons ici, encore une fois, que de l'autre côté du fleuve se trouve le pays d'*Outwa*.

Ce groupe de *Twa* vit en symbiose avec des *Ngambwe*, *Hakavona*, *Dimba* et *Himba*, dont la première tribu appartient au groupe ethnique *nyaneka-nkumbi* et les trois autres au groupe *héréro*. Ceux qui se trouvent dans la partie nord de la région sont les plus «acculturés» aux peuples au milieu desquels ils vivent. Eux non plus ne tolèrent plus d'être appelés *Vatwa*. Pour les distinguer des *Bantous* on ne dispose que d'un critère négatif. C'est que ceux-ci les désignent ainsi et ne les admettent pas encore dans leur sein. Au fur et à mesure qu'on avance vers le sud, on rencontre des *Twa* plus près de l'ancienne tradition tribale. Malheureu-

sement, il n'y a que relativement peu d'années que j'ai pu prendre contact avec eux. Les résultats de mes relations avec ce monde ont été condensés et publiés dans un petit chapitre inséré dans la deuxième édition de l'«Etnografia» (pp. 55-59). Depuis, j'ai eu la bonne fortune de pouvoir prendre quelques notes dictées par deux informateurs et leurs femmes. Je passe donc à résumer ces données.»

Sumariando, os traços culturais destas gentes recolhidos por Estermann são os seguintes: exteriormente os *VaTwa* pouco se distinguem das populações *Bantu* no meio das quais vivem. Todavia cuidam menos dos seus penteados e trazem ao peito menor número de amuletos. Têm a noção de que o seu actual modo de vida é muito diferente do de outros tempos e que na base da sua evolução cultural se encontra o desejo de imitar os vizinhos. A sua caça preferida era o elefante, que caçavam com um ferro em forma de enxada indígena, bem aguçado e preso a um pau com cerca de dois metros de comprimento. Praticam o duplo rito de puberdade e, embora modernamente haja alguns homens bígamos, eram monogâmicos. Lentamente vão introduzindo nos seus usos a troca mútua das mulheres, sistema em vigor entre os Hereros, e a divisão clânica, que, aliás, pouco significado tem na sua vida social. No capítulo da religião, há indícios que mostram um monoteísmo mais acentuado que entre os *Bantu*. Veneram os espíritos dos antepassados e fazem-lhes sacrifícios. Não teriam, praticamente, adivinhos, recorrendo em casos de doença, aos especialistas das tribos vizinhas. Em matéria de gado sagrado, na sua tentativa de imitarem os Himbas, verifica-se que apenas têm duas espécies daquele, enquanto os Himbas possuem onze. Alguns aprenderam a fabricar contas metálicas que vendem às mulheres himbas. Mas para se dedicarem à sua produção não é necessário, ao contrário do que geralmente sucede entre as tribos vizinhas, serem possuídos pelo espírito de um antepassado. O mesmo se passa com as oleiras. Finalmente, note-se que um dos textos da sua literatura oral recolhido por Estermann põe em relevo o seu antigo modo de vida — o de caçadores.

REFERÊNCIAS AOS «VATWA» NAS OBRAS DE PEREIRA DO NASCIMENTO E EMÍLIO VÍTOR MARTINS

EM 31 de Outubro de 1894, escreveu Pereira do Nascimento⁸, no diário da expedição, a propósito da sua deslocação do Curoca ao Planalto, o seguinte:

«Até às 6 h. 30' fomos sempre subindo sobre terreno formado de collinas baixas até que entrámos n'um valle chamado *Ngulungu*, planicie de excellente piso com algum pasto. Na nossa frente correm diversas cadeias de montanhas todas na direcção N. S.

Junto ao tronco de algumas acacias encontrámos armadilhas com que os indigenas d'esta localidade, os *makua-matari* (Habitantes das pedras) apanham uma ave do tamanho de um peru a que chamam *tua*, d'onde deriva o nome *ba-tua* com que tambem se designam os gentios errantes d'este deserto.

Às 7 h. 40' acampámos junto a um grupo de morros de pedra com escavações na parte superior contendo agua das chuvas. Aqui vive uma pequena tribu de *makua-matari* que se sustenta de raizes comestiveis, fructos e caça. Este local tem o nome de *Cacimbas de Ngulungu...* Veio visitar-nos o chefe da tribu...»

Pondo de parte, por inconsistente, a explicação que Pereira do Nascimento dá do etnónimo *ba-tua*, supomos que estas gentes sejam *Kwisi*, não só dada a região em que foram encontradas mas também pelo apelido por que eram conhecidas — *makua-matari*, que é, nem mais nem menos, uma forma corrupta de *Vakwamatali*, nome utilizado, segundo Estermann, pelos *Bantu* do sul de Angola para designarem os *Kwisi*⁹.

Por outro lado, o médico-veterinário Dr. Emílio Vítor Martins, num relatório datado de 1950¹⁰, faz as seguintes referências aos *VaTwa*:

«Partimos da Oncócuá no dia 1 de Julho às 9,30 horas, tendo feito o primeiro acampamento ao quilómetro 7 e o da noite na passagem do Rio Otchifengo, no lugar

chamado de Ondambo, a 17 quilómetros da Oncócuá... Não é muito fechado o povoamento de muteati de alto porte que domina esta região, em contacto com outras espécies, entre as quais uma a que os Mutués chamam omixuiti, cujas folhas, verdes nesta época do ano, são muito apreciadas pelo gado, constituindo, pela quantidade em que se encontra, bom recurso alimentar.»

E mais adiante:

«Quando partimos da Oncócuá contávamos, claro está, com a caça para abastecimento de carne, e para isso levámos quatro caçadores mutués com armas *Kropatchek*...»

E ainda:

«Logo que foram autorizados a caçar rinoceronte, os mutués abateram um, em sítio um pouco distante do acampamento... Para mitigar a sede e suportar a fadiga, usam os mutués mastigar aparas do cerne de uma árvore que não é rara por estes lugares e a que chamam omu-ndomba».

A estas passagens, deve-se acrescentar que o autor junta ao texto uma fotografia em que se vê o rinoceronte abatido e o respectivo caçador «mutué». É claro que os «mutués» do Dr. Vítor Martins não são outra coisa senão *VaTwa*, que se devem aproximar daqueles outros que Estermann detectou no planalto da Huíla.

C O N C L U S Ã O

ANTES de mais convém salientar que se prestou sempre a confusão a circunstância de se aceitar para a etnia que a si própria se intitula de *OvaHimba* a designação que lhe era atribuída pelos povos vizinhos—*VaShimba*¹¹ [Vide Brincker¹² — «*Omu-herero*, S. I, *omu-shimba*, S. (etymol. unsicher), ein Herero (ihre Stammesgenossen heissen bei anderen

Vœlkern überall *vashimba* oder *aashimba*) ; vid. *omutjimba*]. É que, na verdade, vivendo junto a estes, se encontram os *OvaTyimba*, os quais são tidos geralmente por Hereros empobrecidos (Vide Brincker¹³ — «*omu-tjimba*, S. I, *omu-inga*, S., Name des von Feldkost lebenden Herero, der kein Vieh hat. Verarmt ein Herero, so wird er ein *omutjimba*. Ursprünglich mögen die *ovatjimba* ein von den Ovaherero unterjochter Stamm anderer Nation gewesen sein. Bei anderen Vœlkern in Norden werden auch die Ovaherero *ovashimba* = *ovatjimba* genannt. *Omutjimba* entspricht im Otjiherero etwa unserm «armer Schlucker», «armer Schelm»)).

Vítima dessa confusão foi, por exemplo, entre nós Pereira do Nascimento¹⁴ quando escreveu: «Os *mucimbas* de Magyar ou *muximbas*, como erradamente se pronuncia em Mossamedes, são os *ova-himba* ou *ova-tchimba* na epocha em que habitavam a Chabikua e margem norte do Kunene. Alguns escrevem *ba-himba* e outros *be-simba*. No dialecto d'estes indigenas, que é o *otchiherero*, bem como nos dos povos do planalto não existe prefixo do plural *ba* ou *be*, mas sim *va* ou *ova*. Quanto a maneira como Magyar escreve e em Mossamedes se pronuncia, é um erro grammatical; o prefixo *mu* é indicativo do singular. A designação *va-tchimba* ainda seria accetavel, porquanto os radicaes *tchimba* em *otchiherero* e *himba* em *lumbundu* são identicos». Confusão que se agrava com as diferentes formas de grafar estes etnónimos, gerando entre vários investigadores, de diversas nacionalidades, a convicção de se tratarem de sinónimos.

Posto isto vejamos, se os elementos que aproximámos neste artigo permitem formular algumas hipóteses de trabalho. Parece-nos que sim. Ei-las:

1.^a — Em Angola, pelo menos na região da Oncócuá, vivem elementos de uma população designada no Sudoeste Africano por *OvaTjimba*¹⁵;

2.^a — Estas populações nada teriam a ver com os *OvaHimba* (Chimbas). Seriam povos *VaTwa*, isto é pretos pré-Bantu ;

3.^a — Os grupos de «Okombambi» e «Otjinungua» não seriam etnicamente diferentes dos outros *OvaTyimba* até

agora referidos por diversos autores. Todos eles seriam *VaTwa*, embora culturalmente diferenciados, dado o seu maior ou menor contacto com as populações *Bantu* vizinhas. Automaticamente, portanto, dever-se-á considerar menos exacta a opinião daqueles autores que pretendem ser os *OvaTyimba* hereros empobrecidos. Pelo contrário, estes seriam *VaTwa* aculturados.

Se estas hipóteses forem consideradas plausíveis e, sobretudo, se investigações posteriores as confirmarem, parece-nos de propor que se abandone de vez, nas cartas etnográficas e nos trabalhos da especialidade, o etnónimo *OvaShimba* («Chimbas», à portuguesa¹⁶) designando os *OvaHimba* («Himbas», à portuguesa) para se adoptar este último, dado aquele se prestar a confusões com o etnónimo *OvaTyimba* («Tchimbas», à portuguesa), próprio de certo grupo de negros pré-*Bantu*.

¹ *SWA-Navorsing, State Museum*, «Windhoek», 13, 1965, pp. 1-40. Ao Sr. Dr. Felisberto Pontes, Secretário do Instituto de Angola, devemos a obtenção de um exemplar desta revista.

² Como se verá ao longo do artigo, nós grafamos, tal como é hábito entre os Missionários da Huíla, *OvaTyimba*.

³ A expensas do Instituto de Investigação Científica de Angola, de que éramos, ao tempo, assistente.

⁴ Aos Senhores Francisco Preto, ex-Administrador da Circunscrição da Oncócuá, e Antero Quental desejamos agradecer, públicamente, toda a amizade e cooperação que nos dispensaram no decurso da nossa estadia na região da Oncócuá.

⁵ *Oxohambo* (sing. *ohambo*) são, como diz Carlos Estermann (*Etnografia do Sudoeste de Angola*, v. 3 — *O Grupo Étnico Herero*, Lisboa, 1961, pp. 91 e seg.), os currais rústicos temporários. Os Brancos da região chamam-lhe, à portuguesa, «sambos» e não os distinguem das *oxonganda*, conjuntos habitacionais, de maior estabilidade, constituídos por cubatas, armazéns, currais, etc. (*id.*, *ibid.*).

⁶ Separata do v. 57, St. Augustin, 1962, pp. 465-74.

⁷ Vide *A Cartografia Antiga da África Central e a Travessia entre Angola e Moçambique — 1500-1860* por A. Teixeira da Mota, Lourenço Marques, 1964.

⁸ *Exploração Geographica e Mineralogica no Districto de Mossamedes em 1894-1895*, Lisboa, 1898, pp. 62. No mapa que acompanha esta obra, vêm indicados *Makua-Matari* a NE de *Ngurungu* e *Va-Tua* a SE, entre *Va-Himba errantes*, *Va-Kubale* e *Va-Koroka*.

Sobre a existência de *VaTwa* na região do Cariata, entre o Iona e a Espinheira, escreveu Manuel Coelho Graça Jr. (in *Mensário Administrativo*, 5, Luanda, Janeiro de 1948, pp. 37-40): «No Cariata vimos vestígios de indígenas, vindo depois a saber que por ali residiam 3 pretos, decerto os únicos habitantes daquela região desértica, dois mucancalas e um mutua.» Também aos *VaTwa* se refere António de Almeida, em trabalho recente (*Alguns velhos e novos conceitos sobre os povos não bantos de Angola*, no volume *Angola*, Lisboa, 1964, pp. 156-184): «Os Mucuíssis são ainda chamados pelos bantos regionais, em especial os Mucubais, *Mukua-matari*, a gente das pedras — por ser entre estas ou em abrigos abertos nas rochas que os mais primitivos habitam; esta alcunha inferioriza-os tanto que, amiúde, se dizem Mucucandos, a fim de serem confundidos com estes bantos das terras setentrionais de Serra-Abaixo, normalmente proprietários de gado, o que só muito excepcionalmente ocorre entre os Mucuíssis. Aos

Mucuíssis do deserto de Moçâmedes, ao sul do rio Bero, dão os Bantos o nome de Mútuas (*Vátua*) acontecendo que nem os Mucuíssis gostam de ser apelidados de Mútuas, nem estes que os designem Mucuíssis. *Vátua* (plural de *Mútua*) é expressão humilhante, significativa, em português, de expulsos; este nome é-lhes dado especialmente pelos Mucubais, que os utilizam frequentemente como pastores e nos serviços mais rudes — considerando-os tão mal cheirosos que os obrigam a sentar-se longe deles e do lado oposto de onde sopra o vento!»

⁹ *Etnografia...*, v. I — *Os Povos Não-Bantos e o Grupo Étnico dos Ambós*, Lisboa, 1956, pp. 52.

¹⁰ *Prospecção Pastoril na Região Oncócuia-Pediva — 1950*. Número extraordinário de *PECUÁRIA — Anais dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal da Província de Angola*, Luanda, 1951, pp. 28, 33, 40 e 57.

¹¹ Veja-se Hermann Baumann *et alii*, *Völkerkunde von Afrika*, Essen, 1940. No mapa, anexo, n.º 3, pode-se ler: «*Himba- oder Tyimba* (= Herero)». E a pp. 99: «Auf ihrem Wege vom Norden zum Süden blieben Teile des Volkes im unwirtlichen Kaokofeld sitzen, die Tyimba, die von den anderen Herero verachtet werden und zu denen auch Gruppen nördlich des Kunene gehören.» Iguualmente Elisée Reclus (*Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*, XIII, *L'Afrique Méridionale*, Paris, 1888, p. 421) defende o ponto de vista serem os *Ova-Tjimba* hereros empobrecidos: «Parmi les Herero il est aussi des prolétaires sans bestiaux qui ne se sont pas attachés à la fortune de quelque riche propriétaire de boeufs et qui vivent de chasse ou d'aventure: tels sont les Ova-Tjimba, frères des Ba-Simba ou Cimbébas, qui campent pour la plupart dans les districts du nord-est, voisins des Ova-Mbo.»

¹² *Wörterbuch und kurzgefasste Grammatik des Otji-Héero mit Beifügung verwandter Ausdrücke und Formen des Oshi-Ndonga — Otj-Ambo*, Leipzig, 1886, na reprodução fotomecânica de 1964, Nova Jersey, U. S. A., pp. 140.

¹³ *Id.*, *ibid.*, pp. 156-157. A propósito da equivalência dada por Brincker entre *omu-tjimba* e *omu-inga*, vejamos as lendas publicadas por Estermann (*Etnografia...*, v. I, Lisboa, 1956, pp. 68 e segs.) relativas à origem dos Cuanhamas.

¹⁴ In *Exploração Geographica...*, p. 105.

¹⁵ Do trabalho de Herbert Abel *Völkerkundlich-kulturgeographische Beobachtungen in Suedwestafrika und Suedangola (1952-1957)* (in *Veröffentlichungen aus dem Uebersee-Museum in Bremen*, Reihe B, Band 1, Heft 3, pp. 172 e 173, 1959), destacamos as seguintes passagens: «Die Ovatjimba und Ovahimba gehören im weiteren Sinne auch zu den Herero. Sie gehen ebenfalls auf die grosse Einwanderungswelle zurueck, die das von Nordosten kommende Hererovolk nach Suedwestafrika brachte.» «Einzelne Gruppen sowohl der Ovahimba als auch der Ovatjimba leben auf der portugiesischen Seite des Kunene. Sie heissen hier: Muhimba oder Vahimba bzw. Muchimba oder Vatschimba.»

¹⁶ Veja-se, a este propósito, o que diz Carlos Estermann no vol. 3 da sua *Etnografia...*, p. 18.

*We acknowledge gratefully
the generous assistance of both
Commander Ernesto de Vilhena (†)
and Dr. Júlio de Vilhena in the
preparation of this work*

“OVATJIMBA” IN ANGOLA

C O N T E N T S

INTRODUCTION

MACCALMAN AND GROB-
BELAAR'S ARTICLE

PERSONAL OBSERVATIONS
IN THE ONCÓCUA REGION

«LES TWA DU SUD-OUEST
DE L'ANGOLA» BY CARLOS
ESTERMANN

REFERENCES ON THE
VATWA IN THE WORKS OF
PEREIRA DO NASCIMENTO
AND EMÍLIO VÍTOR
MARTINS

CONCLUSION

INTRODUCTION

H. R. MacCalman and B. J. Grobbelaar have published a very important and wellproduced article entitled «Preliminary Report of Two Stone-working OvaTjimba Groups in the Northern Kaokoveld of South West Africa», in the magazine «Cimbebasia»¹.

We intend — in this article — to reveal some facts observed in Angola, which are, we believe, closely connected with the results of the investigations carried out by those authors and set forth in the above mentioned article.

MACCALMAN AND GROBBELAAR'S ARTICLE

The results of an expedition to the Kaokoveld, by the State Museum, Windhoek, in September and October 1964 are reported in that article. It is stated that two OvaTjimba² groups making and using stone implements, and whose economy was of the hunting-gathering type, were contacted in the course of their expedition. The said groups were found at Okombambi — in the foothills of the far east end of the Baynes Mountains — and at Otjinungua, a locality 60 miles west of Okombambi, on a bend of the Kunene River.

According to the authors' statement these people, who called themselves OvaTjimba, were physically characterized by being short, stockily built, dark skinned and having some of those features commonly described as «negroid». Their

language seemed to be an Herero dialect form. When these groups were observed they were working for the OvaHimba or OvaHerero and living with them. They told the investigators that they lived normally, in the heights of the Baynes Mountains, subsisting by means of hunting wild animals and gathering wild fruits. They had given up their normal habitat for the following reasons: a sick child in one case, and lack of *veldkos* in the other. But they had the intention of going back to the Baynes Mountains as soon as possible. Members of both groups asserted that they had never owned domestic animals nor practised agriculture. It was found that whenever they obtained iron, they used it for arrowheads and knives. However, such material would not be obtained by smelting, this being unknown by them, but by collecting scrap metal from villages abandoned by the OvaHimba. Generally, stone was used for making implements for everyday use, and the authors are sure that this has to be considered as a part of the OvaTjimba material culture.

Faced with these facts, and other evidence, the writers formulated the hypothesis that the groups they observed cannot be identified with the peoples traditionally described as Tjimba (vide ment. auts. Vedder, Van Warmelo, etc.), as those would be considered impoverished OvaHerero. Indeed it would be very unlikely that, after having been so much impoverished in the cultural field, the Tjimba would not be capable of a great cultural revival once they lived near their richer «relatives». That might have led the writers to the conclusion that two different OvaTjimba groups exist in Kaokoveld: one represented by the groups the authors describe, having a hunter-gatherer economy, similar to that of the Bushmen of Kalahari; and the other, the impoverished Herero, such as has been described by several investigators.

In the hope that this hypothesis would be confirmed by further field work the writers recall that J. Gaerdes previously reported that during his expeditions to Kaokoveld in 1922-23 and 1931, he had quite often heard of a wild tribe living in the Baynes Mountains and the Tjamalindi Mountains, that is, on both sides of the Kunene River. Furthermore, according to personal information received from J. Desmond Clark, stone-using groups were living in Southern Angola

in the mountainous regions on the North side of the Kunene River. This being correct — the writers say — it was not unlikely that those groups were an extension towards the North of the groups they detected in South-West Africa.

PERSONAL OBSERVATIONS IN THE ONCÓCUA REGION

In the course of an expedition we carried out in the Moçâmedes district³, in February 1963, we decided to move on to the Oncócuá region, for a week, in order to contact, for the first time, the OvaHimba (Portuguese: Chimbas). Having had an accident on the way connecting the roads Otchinjau-Chitato and Oncócuá-Ompupa we were forced to stay for three days at a medical post in Oncócuá. While a member of the party was recovering, we took the opportunity to get in touch with a few local tradesmen and many OvaHimba (chiefly women) who came there for treatment. One day when we were talking with a group of those people and a tradesman — Mr. Antero Quental, who had a good knowledge of the Himba language and habits — it happened that we made a mistake in pronunciation, which he corrected immediately⁴.

We had said «OvaTyimba», and Mr. Quental drew our attention to the correct word, which is «OvaHimba» (or Chimbas, Portuguese). According to his information OvaTyimba (sing. OmuTyimba) would be the name given to the VaTwa, who live among the OvaHimba, and such a mistake meant a grave insult to the latter; therefore it should be avoided at all costs.

As soon as our colleague had recovered, we started our visits to the Himba's «ozhambo» and «ozonganda»⁵. Our research was extended as far as the confluence of the Elephants River and the Kunene River (Vau dos Hotentotes). Two OvaTyimba approached while we were buying some ethnographic objects, at the first «ohambo», a few kilometres from Oncócuá. We took some photographs of them without realizing how important it would be to have detailed data of these people. Both young men were travelling, as can

be seen from two of the photos attached to this text, and showed physical characteristics which distinguished them from the OvaHimba, even to semi-experienced observers like ourselves (we suppose the sturdier one was a product of Himba-Tyimba miscegenation). Besides, their clothing and hair styles were very unlike those of the Himba; so was the quantity of amulets and ornaments they wore. Moreover, their marginal behaviour towards the Himba who were there confirmed our impressions.

**«LES TWA DU SUD-OUEST DE L'ANGOLA»
BY CARLOS ESTERMANN**

Carlos Estermann published the above-mentioned article in «Anthropos»⁶, in 1962. It is an excellent synthesis of what was known about the VaTwa of South-west Angola, and is divided into the following chapters: 1 — «Some historic and geographic data»; 2 — «The two Twa groups of Southern Angola, a) The Kwisi, b) The Twa of High Plateau»; 3 — «Signs of Twa among the ethnic Bantu groups of the region»; 4 — «Conclusion».

Leaving aside the problem of the relationship between the actual Twa — of South-western Angola and Kaokoveld — and the famous BVTVA kingdom (as a more complete historic-cartographic investigation⁷ is still necessary) it is convenient to quote some important points made in Estermann's work. He writes:

«Examinons maintenant le vocable *Butua* au point de vue linguistique. Il se décompose en le préfixe *bu* et le radical *twa*. Le préfixe *bu* est employé dans beaucoup de langues de l'Afrique orientale et centrale pour indiquer l'abstrait. Et dans cette fonction il correspond au préfixe *u* et *ou* dans d'autres idiomes de l'aire linguistique bantoue. La même préfixation sert, dans un certain nombre de langues du sud-ouest de l'Angola, pour exprimer l'idée de «pays de...» par exemple: *oukwanyama* «pays des Kwanyama». Si donc *Butua*

est l'équivalent de *Outwa* et si nous trouvons dans la zone linguistique du sud-ouest une région qui porte ce nom, cela ne peut signifier autre chose sinon : pays de *Vatwa*. Or précisément nous avons, au confins de l'Angola, un petit pays appelé *Outwa* par les indigènes. C'est celui qui porte aujourd'hui le nom de *Kaokoveld* et qui s'étend plus ou moins de l'embouchure du *Cunène*, sur la rive gauche, jusqu'à la hauteur de la grande cataracte appelée *Ruacaná* (*Rwakahana*).

On sait qu'il est généralement admis que le radical *twa* dérive de la racine verbale *ta* qui signifie lancer, chasser, expulser. Le radical avec préfixe personnel *omu* et *ova* a donc le sens de «les chassés, les expulsés».

Si donc le mot *Outwa* a aujourd'hui un sens très restreint chorographiquement parlant, il n'en est pas de même du terme ethnique qui englobe toujours un grand nombre de peuplades d'Afrique occidentale et centrale. Il n'entre pas dans mon dessein de les énumérer ici. Outre cette observation sur l'étendue des régions occupées par des *Twa*, il faut en faire deux autres : 1.° Le même mot signifie également un mode de vie, un stade de culture ou de civilisation. 2.° Les porteurs de cette civilisation se trouvent de nos jours presque tous sous la dépendance d'autres peuples de race, ou du moins de langue bantoue, et sont en plein procès de «bantouisation» laquelle marque le premier pas de la modernisation. Dans cette transformation c'est la langue qui a succombé la première, au point qu'on ne peut plus savoir à quelle famille linguistique leur parler d'antan appartenait.»

He goes on to say that the representatives of this ethnic family, living in Southern Angola, can be divided into two groups. The criterion for differentiation is that some of those representatives still call themselves *VaTwa*, whereas the others considered this name as an insult. These latter would be the *VaKwisi*, and the former the *VaTwa* of the *Huíla High Plateau*. Concerning these the author writes:

«Les proches parents des *Kwisi*, ceux qui s'appellent encore de nos jours *Vatwa* avec la même assurance

qu'un Kwanyama se nomme Kwanyama et un Héréro, Héréro, sont les Vatwa du Haut Plateau de Huila. Ils occupent, mêlés à des fractions de tribus bantoues, le haut pays qui s'étend du sud de Chibia jusqu'au thalweg du Cunène, dans le parcours où ce fleuve forme la frontière avec le sud-ouest africain. Rappelons ici, encore une fois, que de l'autre côté du fleuve se trouve le pays d'Outwa.

Ce groupe de Twa vit en symbiose avec des Ngambwe, Hakavona, Dimba et Himba, dont la première tribu appartient au groupe ethnique nyaneka-nkumbi et les trois autres au groupe héréro. Ceux qui se trouvent dans la partie nord de la région sont les plus «acculturés» aux peuples au milieu desquels ils vivent. Eux non plus ne tolèrent plus d'être appelés Vatwa. Pour les distinguer des Bantous on ne dispose que d'un critère négatif. C'est que ceux-ci les désignent ainsi et ne les admettent pas encore dans leur sein. Au fur et à mesure qu'on avance vers le sud, on rencontre des Twa plus près de l'ancienne tradition tribale. Malheureusement, il n'y a que relativement peu d'années que j'ai pu prendre contact avec eux. Les résultats de mes relations avec ce monde ont été condensés et publiés dans un petit chapitre inséré dans la deuxième édition de l'«Etnografia» (pp. 55-59). Depuis, j'ai eu la bonne fortune de pouvoir prendre quelques notes dictées par deux informateurs et leurs femmes. Je passe donc à résumer ces données.»

In short, the cultural features of these peoples, observed by Estermann, are as follows: from outward appearance, the VaTwa are hardly distinguishable from the Bantu populations among whom they live. Nevertheless, they wear fewer amulets and take less trouble with their hair than the Bantu. They recognize that their present way of life is rather different from that of former days, and the wish to imitate their neighbours is the basis of their cultural evolution. Their favourite quarry is the elephant, and for hunting it they use a native hoe-shaped implement, well sharpened and attached to a stick two metres long. They practise the double puberty rite. Although there are, nowadays, some

bigamous men, the VaTwa used to be monogamous. Woman exchange — a rule among the Herero — is gradually being adopted, as well as clan division, which, however, has no great significance in their social life. As regards religion, it is said there are some indications of a more accentuated monotheism than among the Bantu. They venerate their ancestors' spirits and offer sacrifices to them. They have practically no witch doctors so, in case of sickness, those of the surrounding tribes are consulted. Concerning sacred cattle they also try to follow the Himba, who own eleven different species, whereas the VaTwa have only two. Some VaTwa have learned to make metal beads which they sell to Himba women but, in order to devote themselves to this production, they need not be possessed by an ancestor's spirit, contrary to what is generally current among the neighbouring tribes. The same applies to pottery; in passing we may mention that pottery is made only by women. Finally, it must be noted that a sample of their oral literature, collected by Estermann, reveals the old way of life of the VaTwa: namely hunting.

REFERENCES ON THE VATWA IN THE WORKS OF PEREIRA DO NASCIMENTO AND EMÍLIO VÍTOR MARTINS

On the 31st October, 1894, Pereira do Nascimento⁸ wrote, in his expedition diary, when reporting his move from Curoca to the Plateau:

«Até ás 6 h. 30' fomos sempre subindo sobre terreno formado de collinas baixas até que entrámos n'um valle chamado *Ngulungu*, planicie de excellente piso com algum pasto. Na nossa frente correm diversas cadeias de montanhas todas na direcção N. S.

Junto ao tronco de algumas acacias encontrámos armadilhas com que os indigenas d'esta localidade, os *makua-matari* (Habitantes das pedras) apanham uma ave do tamanho de um peru a que chamam *tua*, d'onde deriva o nome *ba-tua* com que tambem se designam os gentios errantes d'este deserto.

Às 7 h. 40' acampámos junto a um grupo de morros de pedra com escavações na parte superior contendo água das chuvas. Aqui vive uma pequena tribo de *makua-matari* que se sustenta de raízes comestíveis, frutos e caça. Este local tem o nome de *Cacimbas de Ngulungu...* Veio visitar-nos o chefe da tribo...»

Putting aside, as inconsistent, the explanation Pereira do Nascimento gives of the ethnical term «ba-tua» we consider these peoples to be Kwisi, not only because of the region where they were found but also because of the surname by which they are known: «Makua-matari»; this is, no doubt, a corrupt form of «Vakwamatali», the name that — in accordance with Estermann — the Bantu of Southern Angola use to give to the Kwisi⁹.

On the other hand, the veterinary surgeon Dr. Emílio Vítor Martins makes the following references to the VaTwa, in a report dated 1950¹⁰:

«Partimos da Oncócuá no dia 1 de Julho às 9,30 horas, tendo feito o primeiro acampamento ao quilómetro 7 e o da noite na passagem do Rio Otchifengo, no lugar chamado de Ondambo, a 17 quilómetros da Oncócuá... Não é muito fechado o povoamento de muteati de alto porte que domina esta região, em contacto com outras espécies, entre as quais uma a que os Mutués chamam omixuiti, cujas folhas, verdes nesta época do ano, são muito apreciadas pelo gado, constituindo, pela quantidade em que se encontra, bom recurso alimentar.»

Further on he writes:

«Quando partimos da Oncócuá contávamos, claro está, com a caça para abastecimento de carne, e para isso levámos quatro caçadores mutués com armas *Kropatchek...*»

And further on still:

«Logo que foram autorizados a caçar rinoceronte, os mutués abateram um, em sítio um pouco distante

do acampamento... Para mitigar a sede e suportar a fadiga, usam os mutués mastigar aparas do cerne de uma árvore que não é rara por estes lugares e a que chamam omundomba.»

In addition to these passages, it must be stated that the author gives a photo in the text, which we can see the slain rhinoceros and the respective hunter «mutué». Of course, the «mutués» of Dr. Vítor Martins' report are none other than the VaTwa who may be related to those observed by Estermann on the Huíla plateau.

C O N C L U S I O N

First of all it would be wise to point out that it has always been a source of confusion to refer to the tribe which calls itself OvaHimba by the name of Vashimba¹¹, given to it by neighbouring tribes [Vide Brincker¹² — «*Omu-herero*, S. I, *omu-shimba*, S. (etymol. unsicher), ein Herero (ihre Stammesgenossen heissen bei anderen Völkern überall *vashimba* oder *aashimba*); vid. *omutjimba*]. The fact is that, close to the OvaHimba live the OvaTyimba generally taken for impoverished Herero (Vide Brincker¹³ — «*omu-tjimba*, S. I, *omu-inga*, S., Name des von Feldkost lebenden Herero, der kein Vieh hat. Verarmt ein Herero, so wird er ein *omu-tjimba*. Ursprünglich mögen die *ovatjimba* ein von den Ovaherero unterjochter Stamm anderer Nation gewesen sein. Bei anderen Völkern im Norden werden auch die Ovaherero *ovashimba* = *ovatjimba* genannt. *Omutjimba* entspricht im Otjiherero etwa unserm «armer Schlucker», «armer Schelm»)].

One of the victims of this confusion was, of the Portuguese authors, for example, Pereira do Nascimento¹⁴ when he wrote: «Os *mucimbas* de Magyar ou *muximbas*, como erradamente se pronuncia em Mossamedes, são os *ova-himba* ou *ova-tchimba* na epocha em que habitavam a Chabikua e margem norte do Kunene. Alguns escrevem *ba-himba* e outros *be-simba*. No dialecto d'estes indigenas,

que é o *otchiherero*, bem como no dos povos do planalto não existe prefixo do plural *ba* ou *be*, mas sim *va* ou *ova*. Quanto a maneira como Magyar escreve e em Mossamedes se pronuncia, é um erro grammatical; o prefixo *mu* é indicativo do singular. A designação *va-tchimba* ainda seria aceitavel, porquanto os radicaes *tchimba* em *otchiherero* e *himba* em *lumbundu* são identicos.» This confusion is increased by the various ways of spelling those ethnological terms, which cause several investigators of different nationalities to consider them as being synonymous.

In view of this, let us find out whether the elements we have touched upon in this article are good enough to serve as bases for some working hypotheses. We believe so, and they are as follows:

1. — Members of a population, known as OvaTjimba in South West Africa, live in Angola, at least in the Oncócuá region ¹⁵;

2. — These populations would have no connection with the OvaHimba (Chimbas, in Portuguese). They are VaTwa peoples, that is pre-Bantu negroes;

3. — The Okombambi and Otjinungua groups are not ethnically different from the other OvaTyimba so far referred to by several authors. They are all VaTwa, although culturally differentiated owing to their more or less close contact with surrounding Bantu populations. Therefore, the opinion of those authors who assume that OvaTyimba are impoverished Herero must be automatically considered as mistaken. On the contrary, these are acculturated VaTwa.

If these hypotheses are valid and confirmed by further investigations, we suggest that the ethnical term OvaShimba (Portuguese: Chimbas ¹⁶), designating the OvaHimba (Portuguese: Himbas), should be avoided in ethnographic charts and maps, and similar works for good. The latter term, that is, OvaHimba, should be used instead, as the former is liable to confusion with OvaTyimba (Tchimbas, in Portuguese), which refers to a certain negro pre-Bantu group.

N O T E S

¹ *SWA-Navorsing, State Museum, Windhoek, 13, 1965, p. 1-40.* We are grateful to Mr. Felisberto Pontes, Secretary of the Instituto de Angola, for his kindness in obtaining a copy of this magazine for us.

² As may be seen throughout the article, we wrote «OvaTyimba» as is the custom among the Missionaries of Huíla.

³ At the expense of the Instituto de Investigação Científica de Angola, in which the author was a staff member at that time.

⁴ We wish to thank Mr. Francisco Preto — ex-administrator of the Oncócuva area — and Mr. Antero Quental for their kindness and co-operation during our stay in that region.

⁵ «Ozohambo» (sing. «ohambo») are, as Carlos Estermann states (*Etnografia do Sudoeste de Angola, v. 3—O Grupo Étnico Herero, Lisboa, 1961, p. 91 et seq.*), temporary pastoral settlements. Local white people call them «sambos» (a corrupt form used by the Portuguese) and cannot distinguish them from «ozonganda»; the latter are inhabitable groups of buildings more permanent than the former and consisting of huts, stores, corrals, etc. (*id., ibid.*).

⁶ Off-print of vol. 57, St. Augustin, 1962, p. 465-74.

⁷ See *A Cartografia Antiga da África Central e a Travessia entre Angola e Moçambique — 1500-1860* by A. Teixeira da Mota, Lourenço Marques, 1964.

⁸ *Exploração Geographica e Mineralogica no Districto de Mossamedes em 1894-1895, Lisboa, 1898, p. 62.* On the map attached to this work «Makua-Matari» is indicated as Northeast of Ngurungu, and «Va-Tua» as Southeast, between «Va-Himba errantes», «Va-Kubale» and «Va-Koroka».

Concerning the existence of VaTwa in the Cariata region — between Iona and Espinheira — Manuel Coelho Graça Jr. wrote (in *Mensário Administrativo, 5, Luanda, January 1948, pp. 37-40*): «No Cariata vimos vestígios de indígenas, vindo depois a saber que por ali residiam 3 pretos, decerto os únicos habitantes daquela região desértica, dois mucancalas e um mutua.» António de Almeida also refers to the VaTwa in a recent work (*Alguns velhos e novos conceitos sobre os povos não bantos de Angola, vol. Angola, Lisboa, 1964, pp. 157-184*): «Os Mucuíssis são ainda chamados pelos bantos regionais, em especial os Mucubais, *Mukua-matari*, a gente das pedras — por ser entre estas ou em abrigos abertos nas rochas que os mais primitivos habitam; esta alcunha inferioriza-os tanto que, amiúde se dizem Mucuanos, a fim de serem confundidos com estes bantos das terras setentrionais de Serra-Abaixo, normalmente proprietários de

gado, o que só muito excepcionalmente ocorre entre os Mucuíssis. Aos Mucuíssis do deserto de Moçâmedes, ao sul do rio Bero, dão os Bantos o nome de Mútuas (*Vátua*) acontecendo que nem os Mucuíssis gostam de ser apelidados de Mútuas, nem estes que os designem Mucuíssis. *Vátua* (plural de *Mútua*) é expressão humilhante, significativa, em português, de *expulsos*; este nome é-lhes dado especialmente pelos Mucubais, que os utilizam frequentemente como pastores e nos serviços mais rudes—considerando-os tão mal cheirosos que os obrigam a sentar-se longe deles e do lado oposto de onde sopra o vento!»

⁹ *Etnografia...*, v. I — *Os Povos Não-Bantos e o Grupo Étnico dos Ambós*, Lisboa, 1956, p. 52.

¹⁰ *Prospecção Pastoril na Região Oncócuca-Pediva — 1950*. Extra number of *PECUÁRIA* — Anais dos Serviços de Veterinária e Indústria Animal da Província de Angola, Luanda, 1951, pp. 28, 33, 40 and 57.

¹¹ See Hermann Baumann's work: *Völkerkunde von Afrika*, Essen, 1940. In the annexed map, n.º 3, one reads: «*Himba- oder Tyimba* (= Herero)»; and, on page 99: «Auf ihrem Wege vom Norden zum Sueden blieben Teile des Volkes im unwirtlichen Kaokofeld sitzen, die Tyimba, die von den anderen Herero verachtet werden und zu denen auch Gruppen nördlich des Kunene gehören.» In the same way Elisée Reclus (*Nouvelle Géographie Universelle. La Terre et les Hommes*, XIII, *L'Afrique Méridionale*, Paris, 1888, p. 421) defends the point of view that «*Ova-Tjimba*» are impoverished Herero: «Parmi les Herero il est aussi des prolétaires sans bestiaux qui ne se sont pas attachés à la fortune de quelque riche propriétaire de boeufs et qui vivent de chasse ou d'aventure: tels sont les *Ova-Tjimba*, frères des *Ba-Simba*, ou *Cimbébas*, qui campent pour la plupart dans les districts du nord-est, voisins des *Ova-Mbo*.»

¹² *Wörterbuch und kurzgefasste Grammatik des Otji-Héero mit Beifuegung verwandter Ausdrücke und Formen des Oshi-Ndonga—Oj-Ambo*, Leipzig, 1886, re-issued in 1964, New Jersey, U. S. A., p. 140.

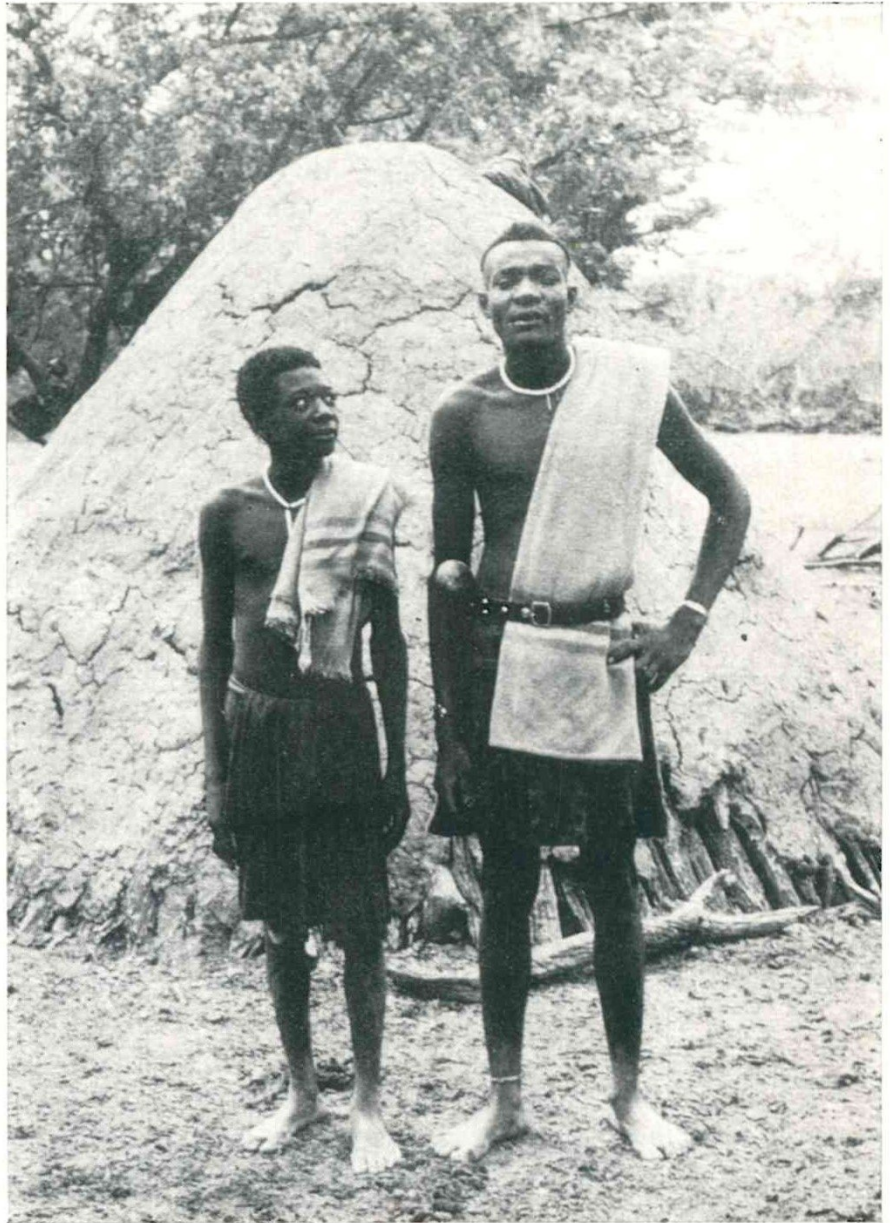
¹³ *Id.*, *ibid.*, pp. 156-7. Regarding the identity of «*omu-tjimba*» and «*omu-inga*», claimed by Brincker, see the legends published by Estermann (*Etnografia...*, v. I, Lisboa, 1956, p. 68 et seq.) concerned with Kwanyama origin.

¹⁴ In *Exploração Geographica...*, p. 105.

¹⁵ We point out the following passages of the work of Herbert Abel *Völkerkundlich-kulturgeographische Beobachtungen in Suedwestafrika und Suedangola* (1952, 1957) (in *Veröffentlichungen aus dem Uebersee-Museum in Bremen*, Reihe B, Band 1, Heft 3, p. 172 and 173, 1959): «Die *Ovatjimba* und *Ovahimba* gehören im weiteren Sinne auch zu den Herero. Sie gehen ebenfalls auf die grosse Einwanderungswelle zurueck, die das von Nordosten kommende Hererovolk nach Suedwestafrika brachte». «Einzelne Gruppen sowohl der *Ovahimba* als auch der *Ovatjimba* leben auf der portugiesischen Seite des Kunene. Sie heissen hier: *Muhimba* oder *Vahimba* bzw. *Muchimba* oder *Vatschimba*.»

¹⁶ See what Carlos Estermann says on this subject in *Etnografia...*, v. 3, p. 18.

E S T A M P A S

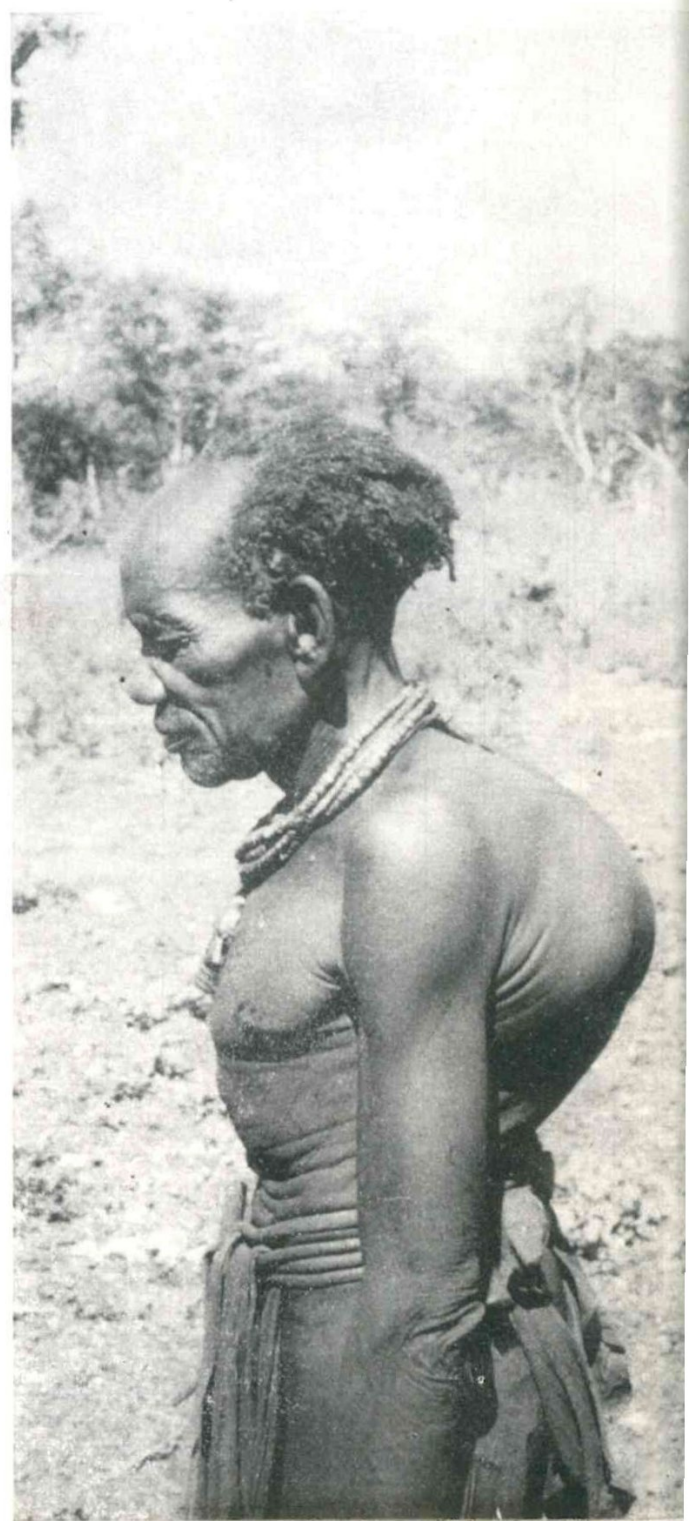
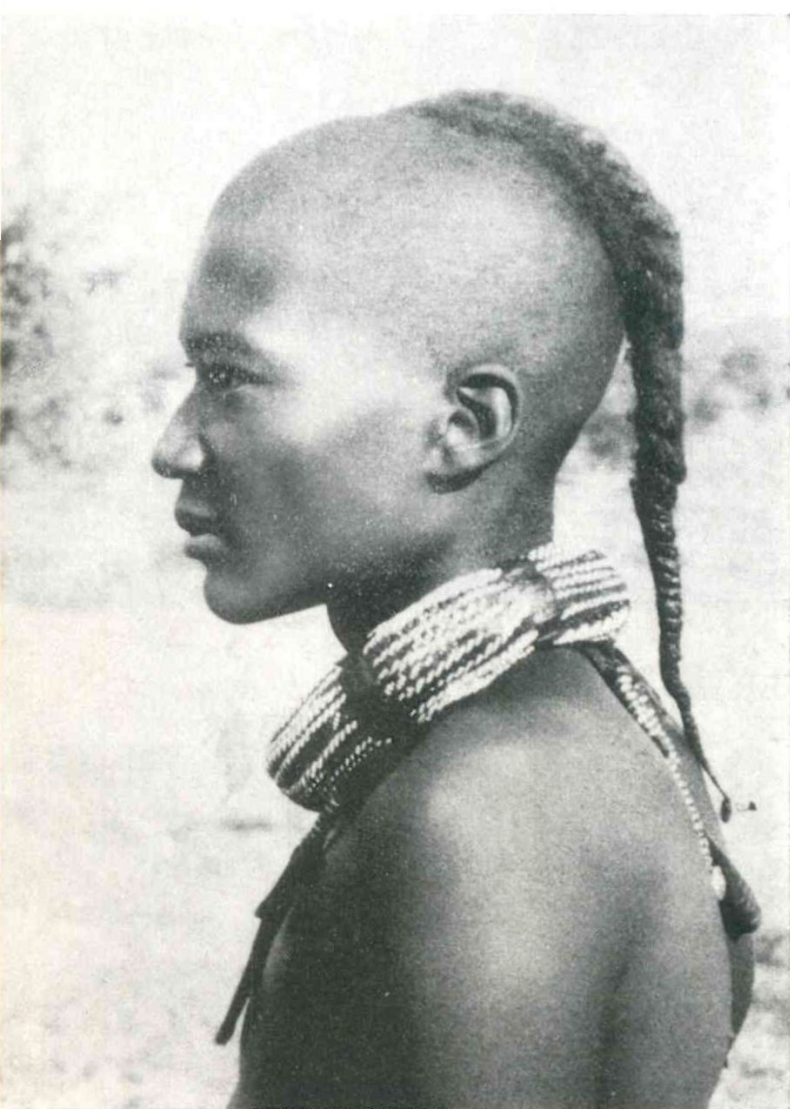


1 Os dois jovens «tyimba» que, acidentalmente, surgiram num «ohambo» himba, junto da Oncócuá. The two Tyimba young men seen by chance at a Himba «ohambo» near Oncócuá



2 Atente-se na posição marginal dos «tyimba», a qual se manteve inalterável enquanto permaneceram no «ohambo». Note the marginal position of the Tyimba, that remained unchanged while they were in «ohambo»

- 3 **Jovem himba, após o rito de puberdade (Oncócuá).** A young Himba after the puberty rite (Oncócuá)
- 4 **Velho himba encontrado numa «onganda», cerea da Oncócuá.** An old Himba found at an «onganda» near Oncócuá



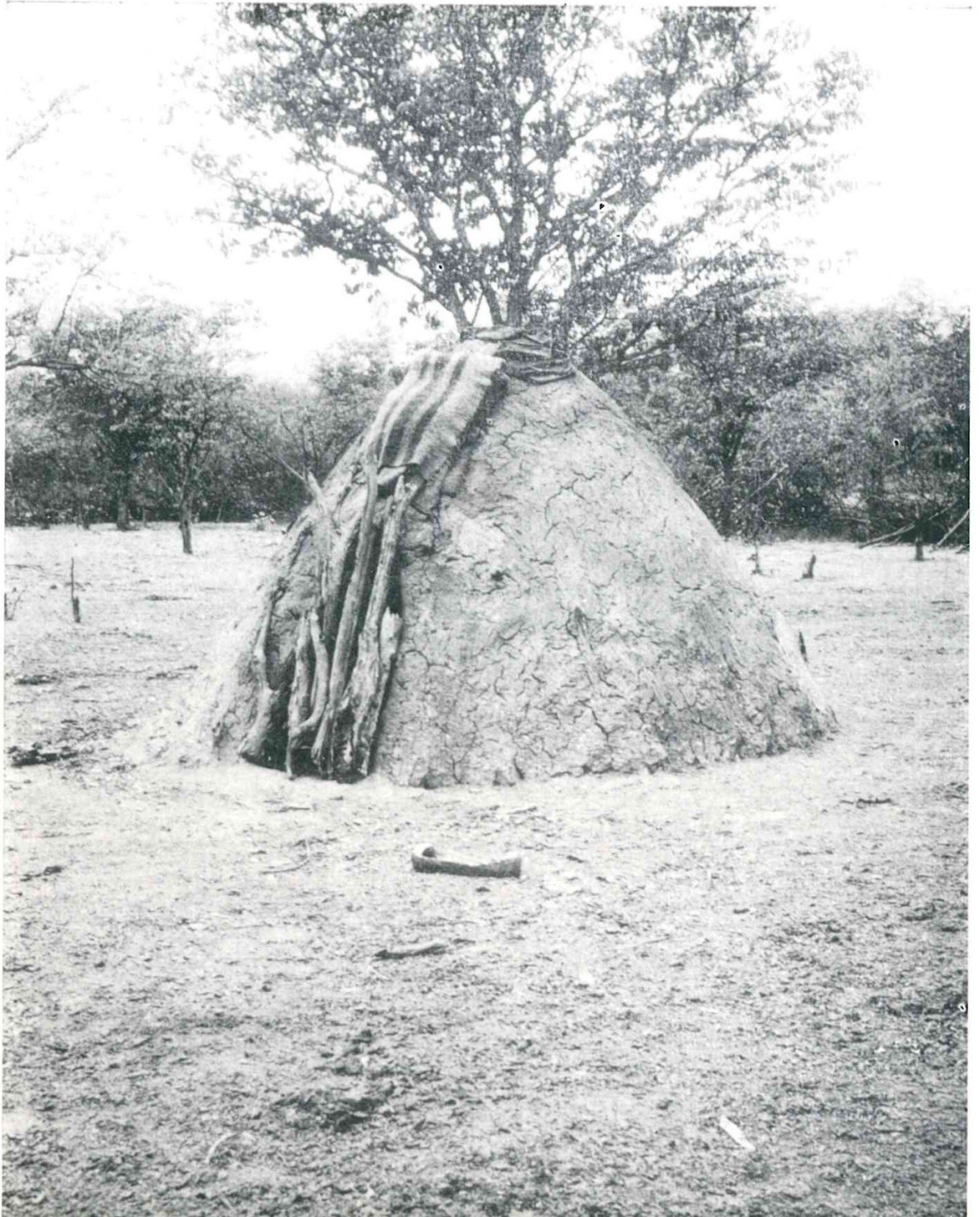
- 5 Uma das mulheres himba que se apresentou a tratamento no posto sanitário da Oncócuá.
A Himba woman who came to the Oncócuá medical post for treatment
- 6 A mesma mulher vista de costas. The same, seen from behind



7 Mulheres himbas no «ohambo» junto da Oncócuca. Himba women
at the «ohambo» near Oncócuca



8 Habitação do mesmo «ohambo». Habitation in the same «ohambo»

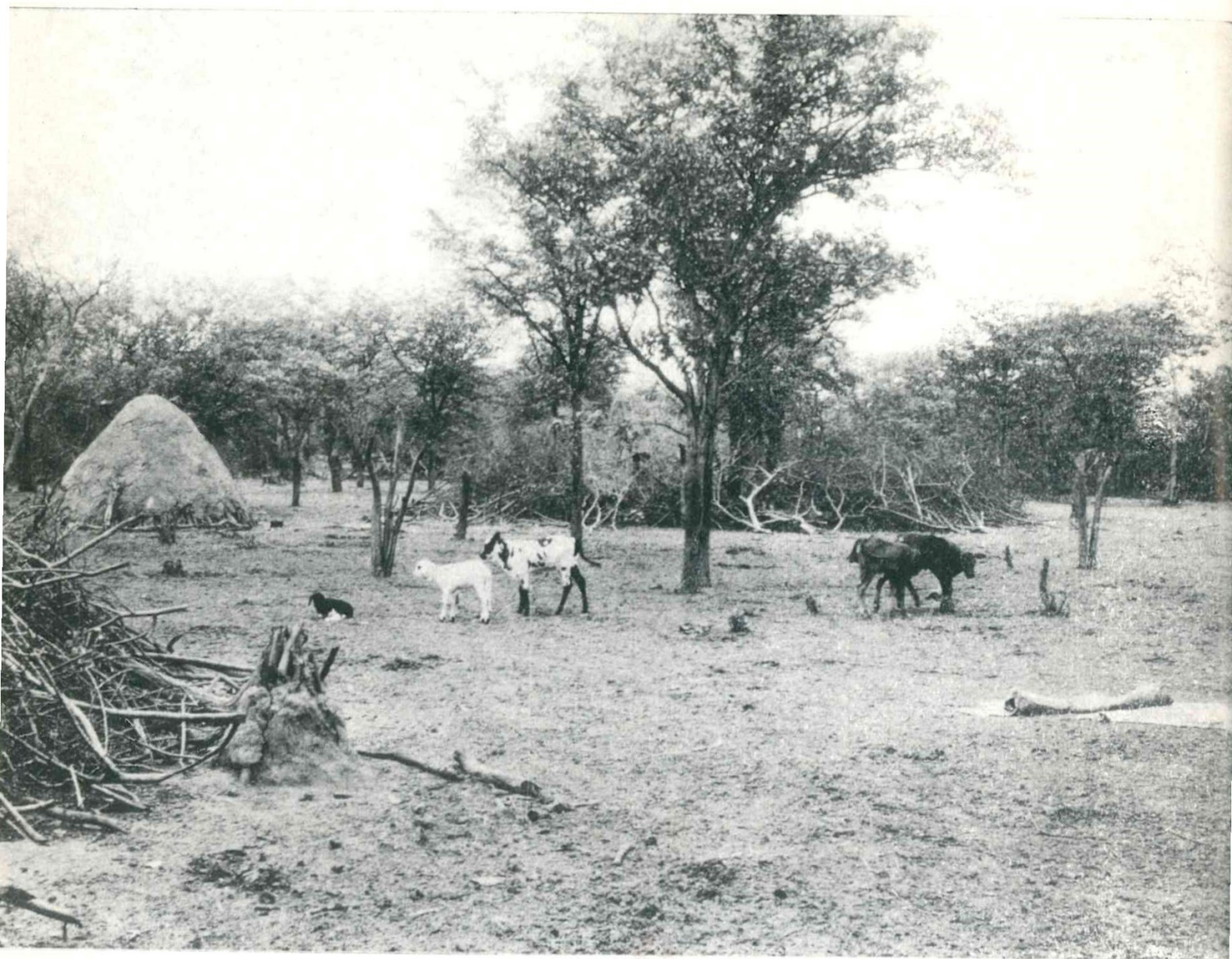




9 Utensílios para a recolha do leite, pendurados numa árvore do «ohambo». Juntas a esta, duas pedras destinadas a moer «tacula». Implements for milking, hanging from a tree of the «ohambo». On the ground; two stones for «tacula» milling



10 Um rebanho de ovinos sai do «ohambo», a pastar. A flock of sheep, leaving the «ohambo» for grazing



11 Aspecto do «ohambo», vendo-se a cerea dos ovinos. A glimpse of the «ohambo», showing sheep pen



12 Pormenor de uma «onganda», com «okuluo» (altar familiar) (cerea da Oncócuca).
Detail of an «onganda» with «okuluo» (family altar) near Oncócuca



13 Uma habitação da «onganda» anterior. A habitation of the aforesaid «onganda»

CADERNOS DE ETNOGRAFIA

OS NÚMEROS ASSINALADOS COM UM ASTRISCO DEVEM CONSIDERAR-SE ESGOTADOS

PRIMEIRA SÉRIE:

- 1* Museu Nacional e Museus Regionais de Etnografia (1964), *pelo Prof. Doutor Jorge Dias.*
- 2 Ritos de Passagem. Entre o Airó e o Cávado (1965), *por F. Lopes Gomes.*
- 3* Princípios Basilares das Ciências Etnológicas (1965), *pelo Dr. Ernesto Veiga de Oliveira.*
- 4* As Louças de Barcelos (1965), *por João Macedo Correia.*
- 5 As Barcas de Passagem do Cávado, a Jusante de Prado (1966), *por Adélio Marinho de Macedo e José António Figueiredo.*
- 6 Curiosas Informações Sobre Usos e Costumes nas Margens do Cávado, em 1850 (1966). *Seleccção de Clotilde Cunha Leitão.*
- 7 As Olarias de Prado (1966), *por Rocha Peixoto.*
- 8 Catálogo da Coleccção de Lenços Marcados (1966), *por Maria de Fátima da Silva Ferreira.*

SEGUNDA SÉRIE:

- 1 «OvaTjimba» em Angola (1967), *pelo Dr. Carlos Lopes Cardoso.*
- 2 Sistemas Primitivos de Fiação. Rocas Portuguesas (no prelo), *por Benjamim Enes Pereira.*

DISTRIBUÍDOS PELA **LIVRARIA PORTUGUESA**
♦ RUA DO CARMO, 70 ♦ LISBOA

biblioteca
municipal
barcelos



56935

Ovatjimba em Angola